

DIRETORES E PROPRIETARIAS

Lyster Franco e
João Pedro de Sousa

ADMINISTRADOR,

João Pedro de Sousa

EDITOR,

Lyster Franco

PUBLICA-SE A'S QUARTAS E SABADOS

O HERALDO

BI-SEMANARIO REPUBLICANO DEMOCRATICO

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO,

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

Typografia do Heraldo

RUA 1.º de Dezembro

FARO

ASSINATURAS

25 numeros..... 50 centavos

COMUNICADOS E ANUNCIOS

Cada linha 2 centavos. Para a 1.ª

e 2.ª pagina contrato especial.

POLITICA NACIONAL

A restauração das finanças portuguezas

A apresentação dum *superavit* no orçamento do Estado não é coisa nova nos orçamentos do nosso paiz. Entre os ministros da monarchia, entre eles Hintze Ribeiro, alimentaram a esperança de corrigir as contas do tesouro e, movidos por esse desejo, cometeram a audacia de não só equilibrar as receitas com as despesas, mas elevar aquelas ou diminuir estas por tal modo, que as primeiras excedessem as outras em centenas de contos. Não é, pois, uma criação do dr. Afonso Costa a ideia dos saldos positivos nas finanças do Estado. Nem ele, o grande estadista, reclama neste caso o direito de prioridade.

E' preciso, porém, atender ás circunstancias que revestiram em tempos da monarchia a apresentação de qualquer *superavit* e confrontá-las com as razões de ser que, sobre o mesmo assunto, deram forma concreta ás aspirações do actual ministro das nossas finanças.

Na monarchia, porque velhos habitos de degradação economica haviam transformado o tesouro num manancial de verbas destinadas a satisfazer os luxos asiaticos de reis e principes e da sua corte, e os desperdícios e latrocinios cada vez mais assombrosos dos que se banquetavam á mesa do orçamento, a ideia do *superavit* era por certo uma visão fantasiosa de qualquer ministro que, vexado dos crimes do seu regimen ou atreído ás suas immoralidades, ambicionava cortar de raiz esses abusos, ou, na segunda hipotese, iludir a boa fé dos cidadãos portuguezes, com a apresentação artificiosa de panaceas orçamentaes.

Mas a verdade é que a força inveterada de tendencias criminosas, proprias da natureza do regimen, dos seus erros politicos e vicios administrativos, fazia resaltar imediatamente a realidade das coisas, assoberbando com despesas nascentes a pequenez das receitas publicas.

E assim se desfazião, durante uma hora do velho regimen, as puras e doces illusões de qualquer financeiro, ou se mostravam ao publico, pela rigidez dos algarismos, as suas habilidades de cumplice nos desperdícios e crimes da realza.

Não succede o mesmo na vigencia das novas Instituições, porque são outros os homens que as dirigem, porque são outros os principios que as regem, porque são outras as circunstancias que as rodeiam.

Acabaram-se de vez as tendencias de roubar os cofres publicos, baniram-se eficazmente as despesas que a moralidade politica julgou desnecessarias, e a proscricção do velho regimen levou consigo os faustos duma corte de inuteis, que eram um constante sorvedouro dos suores e sacrificios do povo.

Podem os ministros da Republica ter defeitos, mas ninguém até hoje com justo motivo será capaz de descobrir no seu governo quaesquer abusos de carater moral ou defraudações do tesouro publico. Ainda nenhum ministro da Repu-

blica ofereceu ao seu paiz a degradante surpresa de se locupletar á custa dos dinheiros nacionaes, e má hora será essa em que os adversarios nos possam atirar á cara um facto que seja menos honesto na moralidade das contas publicas.

Mas entre os ministros da Republica, todos egualmente defensaveis sob o ponto de vista da sua honestidade, um só até agora deu ao paiz e ao mundo inteiro a agradável surpresa de moralisar os orçamentos.

Foi o dr. Afonso Costa.

A ele se deve esse fenomeno assombroso de no curto espaço de meia duzia de dias ter auscultado as finanças do paiz, trabalhando incessantemente, de noite e de dia, para equilibrar as contas orçamentaes de 1913 a 1914. E assistimos então ao facto admiravel e surpreendente de ver nessas contas um saldo positivo de nove mil e tantos escudos.

Ora, esses calculos financeiros, acusando um *superavit* de novecentos contos, não representam o produto de fantasias otimistas ou sonhos irrealisaveis; e muito menos o desejo de dar encobrimento a quaesquer abusos ou crimes, a quaesquer esbanjamentos ou incompetencias.

O *superavit* no orçamento de 1913 a 1914 traduz o produto gigantesco dum trabalho que mal tem precedentes na vida publica do nosso paiz, e esse trabalho proveiu da circunstancia feliz que um homem teve de bem servir os seus compatriotas, poupando-lhes a suprema desventura de ver perdida uma nacionalidade.

Apesar de tudo, alguns portuguezes, arrastados pela circunstancia futilissima de serem seus adversarios politicos, amesquinham esse grande gesto e aventaram impossiveis á realisacão pratica dessa obra extraordinaria. Nada houve que não dissessem contra as boas intenções do dr. Afonso Costa, e nenhuma coisa faltou com que fulminassem a obra dantesca do seu genio e do seu trabalho.

Mas a tudo isso ele soube responder com a gerencia economica de 1912 a 1913, gerencia que vinha ameaçada por um *deficit* de seis mil contos e que o dr. Afonso Costa, para dar ao mundo um forte exemplo da competencia e honestidade da Republica, encerrou com um *superavit* de cento e onze contos, facto este que é unico em toda a historia das nossas finanças!

E' certo, porém, que ainda os adversarios não quizeram render-se, porque os força o desejo de maldizer e caluniar sistematicamente.

Falam nas dividas do Estado e no agio do ouro, e apresentam estes dois factos como tristes sintomas do agravamento das nossas finanças, porque, dizem eles, nem o aumento da divida nem a alta do agio correspondem ás melhorias economicas apresentadas pelo governo.

Mas é um engano, que bem traduz a má fé dos criticos.

Das dividas do tesouro, a flutuante, com os seus pagamentos a

prazo e á vista, foi sempre a que, durante a monarchia e já na vigencia da Republica, maiores cuidados ofereceu aos nossos estadistas financeiros; e na divida flutuante ha que distinguir a externa, sendo esta a que mais nos preocupa, visto que a falta dos compromissos a que ela nos arrasta poderia levar-nos ao vexame de qualquer imposição estrangeira. Eis a razão por que o sonho predileto do dr. Afonso Costa consiste em destruir de vez a divida flutuante externa, que de 11.364 contos, em 30 de junho de 1912, conseguiu reduzir a 3.980 contos, em 30 de junho de 1913, alimentando a esperança de que ficará saldada no decurso de poucos mezes.

Quanto ao agio, tambem este não serve de mau agouro á situação financeira do paiz. O agio tem diminuido sensivelmente nestes ultimos dias. E' certo, porém, que devido a este facto não felicitamos o dr. Afonso Costa, como não compreendemos que os seus adversarios o censurassem quando ele cresceu. O agio do ouro é uma função commercial de grande valor, que se torna preciso aniquilar, mas com rigorosa prudencia, porque a sua queda brusca pode causar serios prejuizos á economia do paiz. Dadas as condições do mercado cambial, compreende-se que a alta não é devida a outra coisa mais do que á especulação desenfreada dos inimigos das Instituições, tomando em linha de conta o enorme despeito de grande numero de republicanos que, aos seus caprichos politicos, sacrificam a boa reputação das finanças portuguezas.

Mas tendo já falhado a base do nosso descredito, para o que bastou a momentosa circunstancia do dr. Afonso Costa encerrar com *superavit* as contas de 1912 a 1913, caem por terra todos os calculos dos grandes especuladores. Essa a razão por que o agio do ouro tem descido nos ultimos dias.

E é assim, fazendo boa administração, que se põe termo ás cavilosas e torpes insinuações daqueles que tem por triste sina o mau habito de desdenhar de tudo, pelo simples desejo de serem prejudiciaes ao seu paiz.

CANÇONEIRO DO POVO

Meus males, minhas desditas,
Remedio não podem ter;
Só deixarei de ser triste
Quando acabar de viver.

Tendes o pé pequenino,
Dais a passadinha curta;
Mal haja o pae que te tem,
O ladrão que te não furta.

NOTAS E COMENTARIOS

Freire de Andrade

Este homem publico, que até ao presente era director geral das colonias, passou para a instrução.

Ora, as oposições, que tanto maldizem da sua reputação, vendo que ele não ficou inutilizado, porque, no fim de contas, Freire de Andrade, além de ser o nosso primeiro colonial, é um ornamento do professorado, lamentam-se de dele passar para a instrução, visto que, dizem eles, o seu grande valor é como colonial.

O' meninos, vejam lá no que ficam! Para vergonha e descredito dos seus processos de critica, já basta.

A estatua de prata

Um republicano do Porto, de nome José Carneiro, negociante de moveis de ferro, altamente satisfeito com a orientação politica e administrativa do actual governo e em sinal de regosio por se terem de vez equilibrado as finanças por-

tuguezas, cometeu o gesto patriotico de mandar fazer uma estatua de prata ao dr. Afonso Costa.

Receba o sr. José Carneiro um grande abraço, como sincero testemunho do prazer que sentimos quando chegou ao nosso conhecimento a sua grandiosa ideia.

«O Mundo»

Completando quatorze anos de vida gloriosa, o *Mundo*, que se pode orgulhar de ter sido o mais legitimo defensor dos ideaes puramente republicanos, festeja no proximo dia dezeseis este aniversario, aparecendo-nos completamente modificado no seu aspecto material.

Como fieis admiradores deste nosso colega, sempre corajoso e forte nos seus ataques á velha e corrua monarchia, e na sua defeza á nascente e promettedora Republica, endereçamos-lhe as nossas cordaes felicitações.

Looping de loop

O dr. Antonio José de Almeida, que batia o *record* aereo, sob qualquer ponto de vista, quer em altura, resistencia ou velocidade, quer ainda em movimentos bruscos e desordenados, ficou atonito, perplexo, estarecido mesmo, ante o arrojado avião que, ha poucos dias, realiso o *looping de loop* com um aeroplano vulgar.

Sempre altivo, o denodado chefe intenta agora sobrepujar o ousado e atrevido avião.

Falta-lhe, para isso, reparar a helice Alfredo Pimenta, que ficou demasiadamente amachucada na prova do congresso de navegação aerea.

E' uma questão de dias.

Ferraduras no ar

Ha para ahi um celebre jesuita, aparentemente boa pessoa, que, em se lhe dando uma simples beliscadura na sua balofa envergadura politica, logo sobe a esgrimir com as pernas trazeiras.

Não ha improprio que não invente para o ataque, mas, chamado á responsabilidade, o covardão acolta-se sob o manto comodo da literatura de bordel, redigida de modo abstracto, em ar de filofia aplicada.

Sempre caluniador, sempre farçante e covarde!

A título de experiencia

A fim de corresponder aos desejos expressos pela ciencia clinica das universidades de Berlim, Halle e Spire, o governo prussiano incluiu nos orçamentos geraes de 1914 a 1915 um credito de 200 contos, destinado á aquisição de radio e mesotorio.

Tambem a municipalidade de Berlim votou um credito de 50 contos, afim de se comprar mesotorio para o hospital de Virchow.

Estes produtos, o radio e o mesotorio, são destinados á cura de certas enfermidades, entre elas o cancro.

Caros produtos! Mas, ainda assim, no caso da ciencia clinica os aprovar como eficazes para a cura das mioleiras imbecis que passam a vida a maldizer do dr. Afonso Costa, merecia a pena experimenta-las.

Pelo menos, era uma limpeza!

O dos tres contos

Ha muito que certos despeitados têm feito correr em Lisboa o extravagante boato de que Machado dos Santos, o tal heroe que nós aguentamos á razão de tres contos por ano, vae novamente fazer a revolução. A experiencia, porém, já está realisada e não surtiu efeitos que possam convidar a novas aventuras. O 27 de abril e o 20 de julho deram a prova de que Machado dos Santos morreu sob o peso das suas vaidades e ambições.

Descomposto e perillido

A principio era uma bela creatura, mas hoje, pontificando uma vez por outra na sua Republica, parece-nos uma sogra asanhada.

Seis artigos doutrinaris, em que se defendiam os bons principios republicanos, eram lidos com certo respeito e carinho, porque nos pareciam infiltrados de convicção. Muitas vezes os lemos e os respeitamos. Estava neles o pensamento dum homem que sonhava, mas era a voz do que sentia.

Agora, essa alma deu-lhe para segregar bilis contra o seu adversario austero e leal, que é o dr. Afonso Costa.

Mas quando se viu um chefe de partido de cabeleira desgrenhada, descer á arena da imprensa, para, dia a dia, combater outro chefe de partido, a pretexto das coisas mais insignificantes e comessinhas?!

Que miseria!

DEMOLINDO

TRIBUNAL DO SANTO OFICIO
SUA EXTINÇÃO

A D. Manuel I, que um duplo bamburria levou inesperadamente ao trono, foi imposto, para poder casar com a viuva do filho de D. João II, vítima dum desastre que talvez fosse casual, que expulsasse de Portugal os judeus e moiros e obrigasse ao batismo e ao catolicismo todos os portuguezes. Assim o exigia a corte castelhana, desde seculos obsecada pelo fanatismo religioso. A corte portugueza fanatou-se tambem, para agradar á rainha. O herdeiro do trono, D. João III, foi desta forma *deseducado*, pondo se-lhe Deus e a religião catolica, perversa e intolerante, acima de tudo. Ha quem o qualifique de estúpido e mau. Não temos dados para corroborar ou negar essa arguição. O que sabemos é que, educado numa corte bestificante, o rapaz, por muito intelligente que porventura fosse, tinha que resentir-se do meio em que nasceu e viveu, e que o obsecou por completo. Foi ele—segundo dizem dados historicos que nos ensinaram—que, com sacrificio do erario nacional, levou o papa a decretar a criação em Portugal da alçada inquisitorial destinada a acabar com a *heresia*. Estabeleceram-se, em Portugal e seus domínios, quatro tribunales permanentes, que funcionavam em Lisboa, Evora, Coimbra e Goa, e outras alçadas secundarias, em Tomar, Porto, Lamego, Caxo Verde, Angola, etc, onde tambem se realizaram execuções, dessas em que, sob pretexto de *salvar as almas*, se lançavam individuos vivos ás chamas, que eles diziam ser o *embema terrestre do fogo eterno*. Não metendo em linha de conta as victimas das alçadas secundarias, a historia apresenta-nos, só para os quatro tribunales permanentes, este sudario horroroso:

Lisboa—Queimados vivos, 355 homens e 221 mulheres; sujeitos a tormentos, 6.005 homens e 4.960 mulheres; mortos nos carcereos, 1.706 homens e 576 mulheres. Evora—respeitamento 234 homens e 200 mulheres; 6.915 e 5.765; 801 e 667. Coimbra—180 e 215; 6.249 e 7.252; 610 e 720. Goa—32 e 32; 4.816 e 1.512; 735 e 227. Total de victimas, incluindo os queimados vivos, torturados e mortos nas prisões:—27.735 homens e 22.317 mulheres.

Por esta leve resenha de numeros, que, como dissemos e nunca é demais repetir, não inclui senão as victimas dos quatro tribunales permanentes, se vê o que era esse tribunal maldito, inventado pela não menos maldita religião catolica, apostolica, romana, para se desfazer dos que lhe não seguissem á risca os intolerantes preceitos. Durante o periodo de 281 anos de vigencia da Inquisição em Portugal era entregue ás chamas quem, *sem bula*, comesse carne ás sextas feiras, ou aos sabades, quem não gostasse de carne de porco, quem fizesse á missa ou á confissão, quem lesse ou não denunciasse que viria ou ouvira ler livros hereticos, e tambem quem, sendo rico, pudesse pela confiscacão, aumentar com os seus bens, o peculio do *pobresinho* do Vaticano e dos não menos *pobresinhos* seus famulos.

O marquez de Pombal, que, apesar de toda a sua energia, não teve forças para acabar com este tribunal infame, ainda assim conseguiu vibrar-lhe um fundo golpe com o decreto em que lhe limitou consideravelmente a jurisdicção e os poderes. Estava reservada ás cortes Constituintes, que haviam de nascer da revolução de 24 de agosto de 1820, a gloria de lhe dar o golpe de misericórdia. E a essa gloria não se esquivou a grande revolução. Logo nas suas primeiras sessões, o deputado Francisco Simões Margiochi apresentou uma proposta para que fosse abolida esta mancha de sangue e de vergonha que ainda existia na nossa legislação. A proposta de Margiochi teve larga e acalorada discussão. Não era isto para admirar, porque na Assembleia Constituinte não havia só *trigo*, mas tambem algum *joio*, que pensava, talvez, em *atrair* para si a escumalha clerical com o engodo de lhe não ferir os seus interesses *legitimos*. Mas de nada vale o *atractivismo* dos taes sujeitos, porque, a despeito de toda a opposição que lhe fizeram, foi promulgada esta lei:

As Cortes Geraes extraordinarias e constituintes da Nação Portuguesa, considerando que a existencia do Tribunal da Inquisição é incompativel com os principios adojados nas bases da Constituição, decretam o seguinte:

1.º—O Conselho Geral do Santo Officio, as inquisições, os juizes do fisco e todas as suas dependencias ficam abolidas no reino de Portugal. O conhecimento dos processos pendentes, e que de futuro se formarem sobre causas capitulares e meramente ecclesiasticas, é restituído á jurisdicção episcopal. O de outras quaesquer causas de que conhecimento

os referidos Tribunal e Inquisição fica pertencendo nos referidos estabelecimentos, como o de outros crimes ordinarios, para serem decididos na conformidade das leis existentes.

2.º—Todos os regimentos, leis e ordens, relativos á existencia dos referidos Tribunal e Inquisição, ficam revogadas e de nenhum efeito.

3.º—Os bens e rendimentos que pertenciam aos ditos estabelecimentos, de qualquer natureza que sejam, e por qualquer titulo que os mesmos adquiridos, serão provisoriamente administrados pelo Tesouro Nacional, assim como os outros rendimentos publicos.

4.º—Todos os livros, manuscritos, processos findos, e tudo o mais que existir nos cartorios dos mencionados Tribunal e Inquisição serão remetidos á Biblioteca Publica de Lisboa, para serem conservados em cautela na repartição dos manuscritos e inventariados.

5.º—Por outro decreto, e depois de tomadas as necessarias informaçoes, serão designados os ordenados que ficarão percebendo os empregados que servirão nos ditos Tribunal e Inquisição.

A Regencia do Reino assim o tenha entendido e faça executar.

Pago das Córtes, aos 31 de março de 1821.—Hernão José Braamcamp do Sobral, presidente; Agostinho José Freire, secretario; João Batista Felgueiras, secretario.

Não poderíamos deixar de registar aqui este decreto que extinguiu em Portugal uma das mais odiosas instituições do catolicismo, tributando ao mesmo tempo a nossa veneração á memoria de Francisco Simões Margiochi e dos deputados que tiveram a independencia bastante para arrostando com a má vontade dos que preferiam um evolucionismo de caranguejo ao cumprimento do dever de lavar uma mancha que enodoava a Patria—aprovar aquela proposta que vinha, se não completar a obra de Sebastião José de Carvalho e Melo, ao menos dar-lhe um grande avanço, pois o seu complemento estava reservado para Afonso Costa, e fez-se em 20 de abril de 1911. Como em 1821, tambem 90 anos depois essa obra encontrou reacionarios, mascarados ou não, a combate-la. Mas, como então, ha de vigorar para sempre, porque assim o quer o povo, que numa democracia tem que ser o ultimo soberano.

Augusto José Vieira.

MAIS NOTAS E COMENTARIOS

«Maria da Fonte»

Agradecemos a este nosso colega a gentileza que teve em transcrever a novela que, sob o titulo de «Misticismo», aqui foi publicada pelo sr. Lyster Franco, nos-companheiro de redacção.

A democracia no Algarve

O Socialista, que ha uns dias a esta parte se tem dedicado muito a apreciar as «cousas do Algarve», deita luzes pelo facto dum semanario qualquer desta cidade aventar que existem dissidencias na democracia local, a ponto de se terem dado saídas, expulsões e exoneracões no respectivo centro, e de se terem demittido as commissões politicas.

Pois está muito enganado o Socialista, em que lhe pese, e muito folgamos em lhe garantir que o partido democratico de Faro está bom de saude, sem dissidencia alguma que ofenda a sua integridade.

Nos outros pontos do distrito dá-se felicidade a mesmíssima coisa.

E todos os que peçam em lodações e aguas turvas o podem ficar sabendo.

A voz do sacerdote

Da Verdade, o tal guardanaposinho paróquial que perience ás ingenuas e santas creaturas da Fuzeta, Luz de Tavira e Moncarapacho, recortamos estas palavras:

«O abade sorriu levemente contrariado e disse:—Meus filhos! Homens perversos, para conseguirem satisfazer ambições desmedidas, aproveitaram-se do povo, naturalmente bom e simples, educam-no em conhecimentos errados, falsificam a historia e desnoiteiam-lhe a intelligencia e o coração.»

O abade disse bem, mas esqueceu-se de acrescentar:—Esses homens perversos, que sempre sugaram o vosso trabalho, que sempre desonraram as vossas familias, que sempre deturpam a vossa consciencia,—esses homens perversos que quando vos falam em deus, ou é para vos roubar ou para vos perder,—esses homens perversos somos nós, os padres, estes miseraveis que ha tantos anos vos exploram os haveres, a honestidade e a razão.

Desespero antipatriótico

Uns quantos palermas, andam rabiosos porque o Seculo disse ha dias que isto marchava.

Para eles, o Seculo é o Galileu dos tempos modernos.

A falta das suspirosas fogueiras da Santa Inquisição, arrajaram uma deliciosa petiscata de caracões e vinho, e depois, chegando fogo a meia duzia de Seculos, dançaram alegremente em derredor.

A burra de Buridan

Um palonço enfatuado que por ahí vagava, perguntou-nos hontem quando é que o dr. Afonso Costa cairia!

Como se vê, o pobre diabo é tão ingenuo, que ainda julga tremida a situação. Pois se visse dois dedos adiante do nariz, teria certamente de reconhecer que, para felicidade do paiz, o dr. Afonso Costa não cae.

A semelhança de Fontes, o dr. Afonso Costa tem o seu governo cimentado na opinião publica. Sendo assim, estará senhor da situação enquanto quizer, que não de ser pelo menos quatro anos, tem-

po indispensavel, em todas as partes do mundo, para qualquer estadista fazer uma obra duradoira.

E quando quizer sair do governo, vale lá quem ele muito bem entender.

Tenha disto a certeza e... deixe de viver, qual burra de Buridan, entre a cevala do dr. Antonio Zé e a agua chilra do dr. Brito Camacho, alias... morre de pasmus e de fraqueza.

Os melões e os heroes

Segundo afirma o nosso colega o *Intransigente*,—em 1728 a vereação de Lisboa resolveu que ninguem podesse vender melões grandes a mais de 30 réis e os pequenos a mais de 15 réis. O que transgredisse esta ordem, incorria nas penas de açoit, prisão e multa.

Esta resolução foi annunciada por meio de editaes afixados nos logares publicos.

Agora são outros tempos. Ha melões em barda, mas são por tal preço, que nem ha dinheiro com que se comprem. E' certo, porém, que existem umas outras coisas, que em Portugal se contam por milhões de milhões e que, apesar da oferta, se pagam bem mais caras do que os melões: são os heroes.

Pois não é verdade que um deles, só de per si, custa ao paiz a enorme quantia de tres contos por ano?

E afinal, para sair como saiu, mais valera que o paiz comprasse melões e os desse á rapaziada.

A virgem do Sameiro

A Republica do sr. dr. Antonio Zé revolta-se contra a circunstantia de nas festas do Sameiro terem violado a lei da separação, pelo facto de meia duzia de soldados da guarda republicana se conservarem de cabeça descoberta dentro da igreja, no que foram desatendidos os regulamentos da continencia e ofendida a neutralidade que o Estado deve ter em materia religiosa.

Muito bem! Sendo verdade o que se diz, não só a respeito dos soldados que na igreja tinham os *bonnets* enfiados no braço, mas doutros soldados que oficialmente acompanhavam o paiz, é do nosso dever protestar contra as autoridades que não quiseram ou não souberam manter o prestigio da lei, e até pedimos aos srs. ministros que não deixem transitar em julgado quaesquer abusos que por ventura se tenham cometido.

Mas a Republica, nesta sua revolta, é que nos dá que pensar!

Ensino normal e primario

Segundo a lei de Instrução Primaria em vigor, o limite maximo de admisión ás escolas normaes de habilitação para o magisterio, é aos 25 anos.

Será isto um beneficio para a instrução? E', mas o seu alcance progressivo tornar-se-ia muito maior, se esse limite se prolongasse até aos 30, 35 e mesmo 40 anos.

Que prejuizos adviriam desta prorogação? Nenhum, a meu ver, porque, se para se ser admitido á matricula, é exigida ao candidato uma inspecção medica, dependeria dela toda a responsabilidade da sua admisión; e de depois de formado no magisterio, para poder tomar posse de qualquer escola, tanto interina como temporariamente, é de novo inspecionado o professor, no termo de exame medico, precedencia da posse, seria lançada pelo facultativo, subdelegado de saude, á verdadeira sentença das boas ou más condições fisicas do candidato ao logar A. ou B. para que tivesse sido nomeado.

Poder-se-á dizer que um professor habilitado no magisterio primario aos 30, 35 e 40 anos não deve ter proficiencia nem a applicação precisa no ensino primario.—Julgo um absurdo o pensar-se assim, porque a lei primaria é bem rigorosa para com os inspetores de circulo, nas informaçoes por estes fornecidas sobre o bom, sufficiente ou mediocre serviço do professor na escola, e uma insufficiente ou má classificação poderá chegar a um processo disciplinar ou de abandono de logar.

O professor primario formou-se aos 30, 35 ou mesmo 40 anos, entrou immediatamente para o magisterio oficial e se nele obteve bom serviço e segura applicação, chega até á 3.ª classe, 2.ª e 1.ª.—Se não teve saude para tão bons resultados, ou a sua assiduidade e intelligencia envelheceram mais rapidamente do que se esperava, ficará na classe onde pôde chegar e na qual o seu inspetor entendeu que bastava.

O admitir-se a habilitação no magisterio primario aos 30, 35 e 40 anos não será um valioso e bem fundamentado beneficio para o analfabetismo e para o professorado primario particular?—E' sem duvida, porque todos os professores que não entrassem no ensino primario oficial, ministrariam a instrução particular com completa capacidade, seguro criterio e relevante exito por todo o paiz.

Quantos professores de ensino particular haverá que desejarão formar-se no magisterio, mas aos quaes o limite maximo da idade official, os 25 anos, é a sua inacessivel barreira?

O que é verdade e atualmente presenciamos, é que para o magisterio primario oficial é preciso um curso de 3 anos e um limite maximo de 25 anos, para se

CONTOS E NOVELAS

O SEGUNDO HOMEM

(De Louis Bertrand)

Et hunc, Domine, tolle, quæso, animam meam a me, quia melior est mihi mors quam vita.

JONAS, Cap. IV, v. 3



INFERNO!—Inferno e parizo! Gritos de desespero! Gritos de alegria!—blasfemias de reprobos! Coro de eleitos!—almas de mortos, semelhantes aos carvalhos da montanha, desraizadas pelos demonios l'almas de mortos semelhantes ás flores do vale, colhidas pelos anjos!

Sol, firmamento, terra e homem, tudo quanto começara, tinha acabado! Uma voz agitou o nada.—«Sol! bradou a voz ás portas da radiosa Jerusalem.—Sol! repetiram os ecos do inconsolavel Josafat.»

—E o sol abriu seus cilios de oiro sobre o caos dos mundos.

Mas o firmamento pendia como um pano de estandarte.—«Firmamento! clamou a voz, ás portas da radiosa Jerusalem.—Firmamento! repetiram os ecos do inconsolavel Josafat.»

E o firmamento desdobrou ao vento suas pregas de púrpura e de azul.

Mas a terra vogava perdida, como um navio fulminado que não tivesse nos seus flancos senão cinzas e ossadas.

—«Terra! clamou a voz ás portas da radiosa Jerusalem.—Terra! repetiram os ecos do inconsolavel Josafat.»

E a terra, lançando a ancora, ressurgiu coroada de flores por montes e vales...

Mas faltava o homem á criação, e tristes estavam a terra e a natureza, uma pela ausencia do seu rei, outra pela ausencia de seu esposo.

—«Homem! clamou a voz, ás portas da radiosa Jerusalem.—Homem! repetiram os ecos do inconsolavel Josafat.»

Mas o hino de libertação e de graças não quebrou o selo com que a morte tinha chumbado os labios do homem adormecido para a eternidade no leito do sepulcro.

—Assim seja! disse a voz, e as portas da radiosa Jerusalem cobriram-se de negras sombras.— Assim seja! repetiram os ecos, e o inconsolavel Josafat principiava a chorar...

E a trobeta do arcanjo soou de abismo em abismo, enquanto tudo derruía com estrepido numa ruina imensa!

E assim, pela falta do homem, a pedra angular da criação, acabaram o firmamento, a terra e o sol!

Lyster Franco.

POETAS

EXPLÉNDIDA

E' esplendida! Tem negros os cabelos como a noite das almas condenadas, a alizez das mulheres diademas, das velhas castelãs nos seus castelos.

Quando na igreja fito os olhos belos do seu missal nas paginas lavradas, tremem as sombras, extaticas de vellos, do austero templo as goticas arcadas.

De noite, no concheço dos seus-ninhos, pipilam docemente os passarinhos, se o rosto assume aos vidros da janela.

Quando passa na tua, nas creancinhas ajoelham no chão, pondo as mãosinhas, e murmuram, na prece, o nome dela...

JOSÉ DE SOUSA-MONTEIRO.

obter a admisión á escola e o diploma de professor; no ensino particular nada disto é exigido: com uma simples inscriçao está-se habilitado a ministrar o ensino, independentemente de idade, sendo notorio de toda a gente que concelhos ha no paiz onde o ensino particular é egual senão ás vezes maior do que o official, chegando-se a conhecer escolas officias que nada produziram e particulares que obtiveram boas qualificações para os seus alunos.

Por tudo que expuz, se prova que o limite maximo de idade aos 25 anos, para a admisión ás escolas normaes, nada influe no ensino primario official, antes deve ser escolhido como um beneficio para a instrução primaria particular.

As ex.ºº ministro da Instrução Publica exponho estas humides linhas, rogando-lhe a alta faculdade da matricula nas escolas normaes até aos 40 anos, do que resultará um grande progresso para todo o ensino primario.

Faro

Honorato Santos.

O povo não sabe nem desprezar, nem possuir moderadamente a liberdade. Obedece com baixeza ou domina com orgulho.

Cartas da serra

GRALHADA ENTRE EUCALIPTOS E AMEIROS—

O CONCERTO VESPertino DA PASSARADA GÁRRULA—A ABERTURA DO «OBÉRON» DE WEBER, O «REVE D'AMOUR» DE KAULIK E O «ANGÉLUS» DE MASSENET, EM PLENA SERRA. A ARTE DE MOZART E OS PASSAROS—A PINTURA, A ESCULTURA E A MUSICA—SEUS EFEITOS PRODIGIOSOS—ACÓRDES MUSICAES, RAIOS DE SOL E FILOSOFIA—A «HORA AZUL» DE PIERRE LOTI E A NOSTALGIA DE «LILÁS»—RESUMO DIFERENCIAL ENTRE ELAS—PERFUMES DE «BOUDOIR» E FRU-FRUS DE SEDAS AMARROTADAS—SONHOS E FANTASIAS—UM POUCO DE FILOSOFIA—A COMPLICADA «LINGERIE» CHAMADA ALMA HUMANA—A OPINIÃO DE LOCKE E OS TEÓLOGOS—UMA CONVENÇÃO RACIONALISTA—A VIDA E A VONTADE OU DUAS CONCEÇÕES FANTASISTAS—A ALMA DOS PASSAROS E O FOLHEDO QUE ENSOMBRA A RIBEIRA—DIVAGAÇÕES VARIAS E ETC., ETC.

Vac uma gralhada enorme além entre a folhagem moveidica dos ameiros e eucaliptos que ensombra a ribeira e cujas ramagens os raios do sol pulverisam de oiro.

A passarada começou o seu concerto vespertino.

No ar suave, macio, repleto de perfumes subtis, diluem-se agora as notulas vibrantes e sonoras do seu pipilar harmonioso.

A abertura do *Obéron* de Weber? O *Rève d'amour* de Kaulik ou o *Angélus* de Massenet?

Não! Nada disso, absolutamente nada; mas, por mais contraditorio que isto pareça,—um pouco de tudo isso, um pouco de todos esses maravilhosos arabescos sonantes que aqueles grandes mestres da arte de Mozart compuzeram para embecicimento e delicia do ouvido humano.

Eu não sei de goso mais inofensivo e espirital do que este de escutar ás tardes em plena solidão da serrania, os acóordes musicaes da passarada gárrula, que vem despedir-se do sol executando em honra do astro sublime o melhor dos seus maravilhosos concertos.

A Musica é sem duvida a mais impressionante, a mais emoiiva das artes.

A Pintura e a Escultura, menos sensoriaes do que ela, podem causar deslumbramentos de cor e de forma, mas a emoção produzida é rapida, limitada, fugidia, restrita apenas ao campo visual.

A Musica penetra mais fundo; envolve-nos, embriaga-nos com a sua influencia avassalante e dominadora.

Como num sonho, ela faz-nos caminhar através de paizes maravilhosos, experimentando as mais contraditorias sensaçoes.

Eleva-nos ás culminancias radiosas do esplendor com a mesma facilidade com que nos despenha nos antros mais tenebrosos e horridos. A Musica!...

Abrem-se, sob o impulso da sua varinha magica, novos horizontes ao nosso espirito. Sonho tornado realidade, quimera demudada em evidencia, ela triunfa, impoando aos nossos sentidos o incontestavel dominio do seu imperio, e o mito de Orfeu, dominando as feras com os acordes da sua lira de oiro atinge uma evidencia flagrante.

Pois a passarada vem para ali todas as tardes.

A hora é excessivamente suggestiva. Não será, talvez, a *hora azul*, de que nos fala Pierre Loti, nos seus livros encantadores, mas é sem duvida a *hora lilás*, a hora saudade caracterisada pelas tonalidades suavissimas esparsas no ceo.

A hora azul?

Nunca, por minha vida, logrei divisa-la, aperceber-me dela. Creio, mesmo, que para peninsulares, que vivemos sob um ceo sempre azul, não existe tal hora, muito especialmente neste lindo rincão algarvio, onde os poentes ostentam os mais deslumbrantes e magnificos cenarios que a imaginação mais ardente possa idealisar.

Mas somos bem indemnizados, bem compensados pela *hora lilás*, mil vezes mais poetica e suggestiva do que a *hora azul* do illustre marinheiro escritor.

A *hora azul!* Ha nesta frase qualquer tic fememil, uma tal ou qual evocação de languidos momentos, de tenues e vagos perfumes de *boudoir* e de *frú-frús* de sedas amarrotadas. Existe qualquer coisa de requintadamente amoravel a sublinha-la, a dar-lhe cor e poder evocativo, cenás vagamente lubricas, corpos rosados, cabeleiras esparsas...

Com a *hora lilás*, com esta *hora* suavissima que desce a impregnar o nosso espirito dum inqueiação e dum serenidade inespereveis é bem differente.

A cor e o som, em magico dueto, impossivel de descrever, operam este deslumbrante prodigio.

A cor, suavizando os aspetos, esfumando os planos, depondo tenues velaturas acarinadas sobre as grenhas verdes das arvores, o som—uma musica em que existem os variadissimos acordes espalhados pela serrania,—fazem-nos sonhar, mergulhando-nos em delicioso turpor; fazendo-nos percorrer todo um fantasiado mundo de sonhos, em que as recordações do passado, as impressões do presente e as esperanças do futuro se entrelaçam, entretecem no mais filigranado dos tecidos que podem compor-se nesta con-

plificada *lingerie* chamada alma humana; A Alma! Vejamos como a definiu Locke, concitando contra si todas as iras teologicas; vejamos o seu conceito que como hipotese, como conjectura de simples filosofia, não fica mal a pessoa alguma adotar.

Trata-se de saber o que é a alma.

Pois, segundo Locke,—a palavra *alma* é uma das muitas que se pronunciam sem se lhes entender a significação. O homem só entende as coisas de que pôde fazer ideia. Não pode fazer ideia da alma, do espirito, logo não a entende.

Convencionou-se, por isso, chamar *alma* á faculdade de sentir e de pensar, como se chama *vida* á faculdade de viver, e *vontade* á faculdade de queer.

Simplem questão convencional.

Mas tudo isto acerca da alma humana.

Da *alma* dos passaros, que me conste, ainda, até hoje, ninguém se occupou. E estes que ali estão a cantar entre o folhedo dos eucaliptos e ameiros, que ensombra a ribeira, bem mereciam que alguém se lhes occupasse da alma... que devem te-la, e bem sensivel, ou eles não fossem tão bons musicos...

Lisandro.

Não deixam de ser curiosas estas informaçoes a respeito de portuguezes:

D. Pedro II fazia em pedaços uma feradura de cavallo; o cavaleiro D. Pedro Henriques sustinha na palma da mão uma mó de moinho, conservando muito tempo o braço em postura direita e firme, e atirava com a mesma mó, e fazia que andasse ou rolasse desde dez até quinze passos; um certo Pedro, recolhendo-se de Loures para Lisboa depois de assistir a uma festa de touros, e quebrando-se-lhe a sege no meio do caminho, desde ahí até sua casa trouxe ás costas uma mulher não senhora, que o acompanhara na sege; houve um frade que trazia sete ou oito lobos á cabeça; o marquez de Alegrete, Manuel Teles da Silva, abria e matava um touro duma só cutilada, e duma vez pegou num touro e o fe-lo prostrar por terra; o cavaleiro de Oliveira, enquanto não completou vinte anos era quem no seu tempo lançava mais alto uma pella de ferro de dois arrateis, a qual aparava na palma da mão, despedindo-a duas e tres vezes da mesma forma.

Todos estes individuos, longe de serem gigantes, eram de estatura mediocre. E o Pedro, esse que carregou com a mulher, era tão doente, que muitos o tinham por podre.

Debaixo dum comboio

Correu hontem de manhã por esta cidade a má noticia de que na Porta-Nova, junto da fabrica de electricidade, ficara um homem debaixo do comboio correio de Lisboa. Transportando-nos ao logar indicado, averiguamos que efectivamente o comboio correio que passou para Vila Real ás 7 horas e meia, colhera um homenzinho de sessenta e tal anos, de nome Joaquim Tapa, sapateiro, desta cidade, não se sabendo se o caso accoeteu por desastre ou por vontade propria do infeliz velhote, que eu todo o caso ficou horrorosamente esmagado, desfeito em pedaços.

Os crimes de Estoi

Continua ainda em estado grave Maria José, filha de Clara de Jesus Madeira e José Madeira, do sítio da Murta, freguezia de Estoi, que no domingo á noite foi ferida por uma bala.

Esta atravessou a parede anterior do abdomen, feriu o intestino e uma pequena arteria, o que determinou uma grande hemorragia intra-peritoneal.

Por este motivo, teve de sujeitar-se a uma operação cirurgica assás meliodrosa, que se realisou na segunda feira.

Operou o sr. dr. Candido de Sousa, servindo de primeiro ajudante o sr. dr. Silva Nobre; ao chloroformio esteve o sr. dr. Francisco Vaz.

A operação consistiu numa laparotomia (abertura da cavidade abdominal), com o fim de extrair a bala e remediar os estragos causados. A bala não foi possivel encontrar-se, embora para isso se fizesse uma pesquisa muito minuciosa em toda a cavidade abdominal.

E' de presumir que tenha ido oljar-se na camada muscular da região dos lombos. Fez-se a rutura intestinal, a laqueação da arteria e eliminacão dos coagulos sanguineos, que enchiam, quasi por completo, a cavidade peritoneal.

Estes foram os estragos que a bala causou e que, infalivelmente, determinariam a morte, se não fossem remediatos.

Terminada a operação, que correu sem o menor incidente e que deixou a todos os presentes a mais agradável impressão, foi a doente transportada para o seu leito, onde, todos os dias, a visitam, duas e mais vezes, os medicos que a operaram.

Oxalá os dignos clinicos vejam coroados de bom exito todo o seu trabalho.

— O Joaquim Dias, autor deste crime e do assassinato de Clara Madeira, mãe da operada, leve ante-hontem no hospital um ataque de nervos, com aspeto de loucura, sendo preciso prender-lhe as mãos e condu-



FABRICA PROGRESSO FARENSE DE LADRILHOS MOSAICOS

OS MAIS RESISTENTES, ECONOMICOS E EMBELEZADORES FABRICO ESPECIAL EM DESENHOS E FEITIOS MODERNOS

Deposito de cimentos nacionaes e estrangeiros—Preços sem competencia—Descontos aos revendedores

F. J. PINTO JUNIOR E COMP. A FARO

Ninguem mande vir de fóra nem compre noutras casas, sem primeiro visitar esta fabrica

zi-lo da enfermaria para um quarto isolado. Este mesmo preso já foi entregue ao poder judicial, sendo seu advogado o sr. dr. João Pedro de Sousa.

POR ESSE ALGARVE

Almancil

Nos proximos dias 21 e 22 realisam-se nesta freguezia os festejos civicos que é de costume realisarem-se todos os anos, e que bem demonstram a grande simpatia que a Republica merece ao povo de Almancil. Promove-se para estes grandiosos festejos um comicio publico de livre pensamento, constando-nos que já para este effeito a respectiva comissão convidou com oradores os nossos grandes amigos srs. dr. João Pedro de Sousa, Augusto José Vieira, Eurico de Campos e Carvalho de Araujo. Também nos consta que virá a assistir ao comicio o sr. dr. Adelino Furtado illustre governador civil do distrito.

Chamamos a attenção do sr. diretor dos correios para a circunstancia deveras lamentavel em que se encontra o pivo desta freguezia, que, á falta de caixas postaes, corre o perigo de lhe não ser entregue a sua correspondencia, do que lhe resultam serios prejuizos.

O *Heraldo* é aqui muito apreciado, mas nem sempre os seus assinantes tem o gosto de o receber, devido ao mau serviço do distribuidor rural.

Corre com muita insistencia que vae efetuar-se o casamento do osso dedicado amigo sr. Cristovam de Sousa Junior. A noiva é uma gentil senhora do nosso meio, asaz virtuosa e dotada de grande fortuna.

Estoi

Monotona, muito monotona a aldeia de Estoi. Só de noite, e a horas adeantadas, é que vimos, como que por encanto, algum maquiavelico detratador, rolando pelo adro da egreja, suggestionando esse pobre lórpa do *Monico*, que em tempos idos foi negociante e que atualmente ainda o é, mas já não tem... socio.

Lamentamos profundamente a sua degradação, tanto mais que ele foi ha dias agarrado em flagrante delicto... com o articulista duma folha da Travessa do... Forno de Faro.

Monico! Monico! para que vieste a este Mundo!...

Lembra aos garotos o que ao Diabo não lembraria toda a vida.

Ha dias fomos surpreender dois petizes neste interessante dialogo:

—O' João, tu ainda não sabes?...

—Que é que eu ainda não sei?

—O Joaquim *Monico* andava um dia destes a pedir votos para os evolucionistas, por estes não beberem senão vinho, e a dizer mal dos do Centro, porque estes não tem dinheiro e só bebem agua...

—Toma! Isto vae bem.

A ser verdade, lamentamos que o sr. Joaquim se meta em camisa de onze varas...

Fuzeta

É urgente que o registro paroquial seja traosferido para as repartições do registro civil, afim de se evitarem incomodos e más respostas da parte dos parcos e suas familias, pois é certo que ainda no mez de agosto, quando estava confeccionando o recenseamento escolar, mandei buscar a casa do prior desta freguezia os livros dos assentos de 1902, 1903 e 1904 e as irmãs do paroco me disseram que este as não tinha autorisado a facultar-me os livros, ao que respondi que o irmão ou elas, não estando ele em casa, tinham obrigação de pôr ás minhas ordes os livros dos assentos, porque, de contrario daria parte ao sr. Inspector.

Tambem, se os livros do registro paroquial estivessem nas repartições de registro civil, não se veriam os paroquianos obrigados a recorrer ao paroco, para tirar certidões de idade, pelas quaes exigem 500 réis.

Quarteira

Após alguns dias nublados, acompanhados de medonha irrovada, algumas vezes perpendicular, a ponto das creaturas fraticas pedirem socorro a Santa Barbara, veio o sol quente, e, de tal ordem, que é necessario muita força de vontade para se não pensar noutra coisa que não sejam banhos e passeios á beira-mar, ou então pelos campos á sombra de arvoredo bem copado.

Acham-se já aqui a banhos, muitas familias de Faro, de Loulé, de Oihão, de Estoi e do Alentejo, da nossa primeira sociedade, e são esperadas muitas outras, para o que tem alagado os necessarios aposentos.

—Continua a companhia dramatica a

dar noites deliciosas com os seus espetaculos variados.

—Acha-se melhor, com o que muito folgamos, o sr. Artur C. Lisboa, que com um abalo de saude esteve preso á cama durao te alguns dias.

—Acham-se abertos aqui, ao publico, dois bonitos estabelecimentos, pertencentes aos srs. Joaquim Amarel e Antonio Morgado.

S. Braz de Alportel

Continuando hoje a dizer meia duzia de coisas, para que os sambrazeuses, leitores do *Heraldo*, tenham que apreciar e com que se entreter durante alguns minutos, aqui estou de novo, desejoso de que a pena escreva muitas noticias, mas sem arte para o fazer, porque em verdade me faltam alicercos. Mas duas coisas sempre se dizem, uão é verdade?

Comenta-se muito nesta povoação a attitude do sr. João Rosa Beatriz perante as insinuações do *Heraldo*, a respeito das contat que o mesmo senhor prometeu publicar, para honra de seu nome e do seu prestigio, e que até hoje, apesar de frequentemente espicado, não foi capaz de trazer á luz da critica.

Al não, que as coisas, ao que parece, estão más de rilhar! E' ponto assente que o sr. João Rosa Beatriz om pelos diabos dá ao publico a honesta satisfação de lhe dizer por que maneira se consomem as receitas da Junta, especializando o Paço episcopal e os seus terrenos, que, podendo render bom dinheiro, tem, ha tres anos, servido unicamente para utilidade e regabofe dessa tal creatura que dizem ter um nome honrado e um altissimo carater e que affual insiste em se ver encarsado, sem que a sua grande consciencia o obrigue a dizer em que tem gasto o dinheiro dos outros.

O sr. João Rosa Beatriz é um homem bonrado, é um cavalheiro, é um são carater? Será tudo isto, mas de pouco lhe servem estas bonrarias equivoquo sonegar essas contat que muitas vezes lhe tem pedido, que ele prometteu publicar, para salvaguarda da sua boa reputação, e que, apesar de tudo, não é capaz de pôr em pratos limpos!

—Já começam por aqui as viudimas, que prometem uma colheita regular.

—Pelo facto do sr. Lopes Rosa ter insistente mente pedido a sua demissão, vae ser nomeado regador desta freguezia o nosso amigo sr. Raminhos.

—A uso de banhos tem estado em Tavira o nosso amigo sr. Antonio de Sousa Dias, que regressou na sexta feira por causa das vindimas.

—Fala-se muito na transferencia da encarregada do correio, em virtude do abaixo assinado que por aqui circulou contra ela.

O NOSSO NOTICIARIO

Vem no proximo dia 20 ao Algarve o nosso amigo sr. dr. José Francisco Teixeira de Azevedo, que atualmente exerce as funções de diretor geral da instrução primaria.

—Vimos nesta cidade o sr. dr. João Farrajota, digno administrador do concelho de Loulé.

—Acompanhado de sua esposa e filha, encontra-se na Praia da Rocha o nosso amigo sr. Antonio dos Santos Serpa.

—Deu-nos o prazer da sua visita nesta redação o nosso amigo e prestante correligionario sr. Manuel João Faustino, de Cachopo.

—Está feita a ligação da estrada de Castro Verde a Faro, e consta-nos que se vae proceder á construção duma estrada que ligue a estação de S. Marcos da Serra ao povoado do mesmo nome.

—No mez de agosto registaram-se na cousevatoria desta cidade 21 nascimentos, 6 casamentos e 29 obitos.

—Tomou posse do logar de condutor da 4.ª direção dos serviços fluviaes e maritimos desta cidade o sr. José Francisco Ferras de Barros.

—Teve ante hontem logar oo Teatro Letes um agradável concerto do piano, executado pelo nosso amigo sr. Teofilo Roussel.

—Encontra-se na praia da Armação de Pera a familia do nosso amigo sr. José Alexandre da Fonseca.

—Está na Praia da Rocha o sr. dr. Joaquim da Ponte, juiz substituto, exercendo agora as funções de juiz o nosso amigo sr. couto do Cabo de Santa Maria.

—No mercado de peixe desta cidade, vendeu-se ante hontem a dez réis cada ceuto de sardinhas.

—Em Silves estão fechadas algumas fabricas, havendo 600 operarios sem trabalho.

—O sr. dr. Adelino Furtado, governador civil do distrito, obteve a criação duma es-

cola primaria movel, pelo metodo João de Deus, para S. Bartolomeu de Messines.

—Esteve em Oihão o sr. Eusebio da Fouseca, diretor geral de fazenda das colonias, que brevemente parte para Londres, em goso de licença.

—Acompanhado de sua esposa e interessantes filhinhos, encontra-se já em Lagos o sr. Vitor Paulo Cabral Madeira, 1.º aspirante das alfandegas.

—Foi transferido para a comarca de Miranda do Douro o delegado de procurador da Republica em Mouchique.

—Visitou-nos ante hontem nesta redação o nosso amigo e prestigioso correligionario sr. Antonio de Sousa Dias, de S. Braz de Alportel.

—Abre amanhã ao publico a bela sucursal do estabelecimento do nosso amigo sr. Augusto Vieira dos Reis, na rua D. Francisco Gomes, desta cidade.

DIA HISTORICO

Setembro

13—1321—Morte de Dante.—1639—Organisa-se em Londres a Companhia das Indias.—1688—Morte de Cromwell, na idade de 59 anos.—1812—Entrada dos francezes em Moscow.—1887—Morte, em Azoia, Alexandra Herculano.—1909—Começo no Porto a greve dos correios.—E' luzilado em Hespanha Eugenio Hoio, acusado de agitador.—1911—O povo do Porto aclama os representantes das pagãos que reconhecem a Republica.—1912—Celebra-se o accordo luso-hespanhol acerca da conspiração contra Portugal.

14—1596—Fundação do convento de Santa Cruz de Lamego.—1661—Batalla do Warchostr perdida por Carlos II contra Cromwell.—1812—Incendio de Moscow.—1833—Morte de lord Wellington.—1911—Morte D. Maria do Carmo Xavier Braga, esposa de Teofilo Braga.

15—1648—Capitulação do Valverde, tomada pelos portuguezes.—1763—Nasce o grande poeta Bocage.—1597—Morte do celebre general Hocho.—1808—Restauração do reino de Portugal e embargo do exercito de Junot.—1810—Insurrección no Mexico.—1820—Revolução em Lisboa e proclamação da Constituição.—1824—Morte de Luiz XVIII.—1843—Sortida de Lagos.—1910—As jaulas do parquia de Lisboa pagam banhos a 887 coronas, na Trafaria.

16—1638—Nascimento de Luiz XIV.—1672—Tomada de Caudia pelos turcos.—1701—Morre refugiado em França o rei Tiago II de Inglaterra.—1801—Nasce Luiz Kosslub.—1824—Sobe ao trono Carlos X.—1832—Sortida do Porto por Sario e Aguardante, contra os miguelistas.—1900—Sao o primeiro numero do *Mundo*.—1911—O dr. Bernardino Machado inaugura em Sotubal diversas instituições de assistência.

CARTEIRA

Fazem anos:

Amanhã, 14.—D. Francisca de Sousa Gomes, D. Luiza das Dores Santos, D. Antonia da Silva Costa, D. Maria Madalona Pinto, D. Joaquina Maria Viegas, D. Rosalinda Aurelia de Matos, D. Luiza Dias da Silveira, D. Maria da Conceição Pires, Antonio Alfredo Pires Bastos, Guilherme de Sousa Tavares, Rafael do Sousa Moreira, Alfredo Augusto Branquinho, Anacleto das Oros Teixeira, Rodrigo da Silveira Neto, Joaquim Vicente Sanchez e a menina Maria Luiza Marques Teixeira de Azevedo.

Segunda, 15.—D. Maria Amélia Lopes, D. Joana Ribeiro Barbara, D. Maria Isabel Pereira, D. Isaura de Sousa Lemos, D. Eduarda de Mendonça Vizolo, D. Ana Augusta do Carmo Rodrigues, Joaquim Diniz Alfonso Role, José Augusto Pereira, Manuel do Carmo Teixeira, João José Lopes, Mariano José Rodrigues e Alfredo Maria da Costa.

Torca, 16.—D. Julia Cholmichil Judico Samora, D. Firmina Juliano da Costa, D. Adelaide Rodrigues Pontes, D. Leonilde Maria Bentes, D. Leonor da Silva Gomes, D. Maria do Paula Xavier, D. Joana de Sousa Costa, Francisco da Luz Cesar Ribeiro, Alfredo Ernesto da Cunha, José Antonio da Silva, Manuel Antonio Rodrigues, José Augusto Xabregas, José João Ferreira e Manuel Carlos Tiburcio.

Quarta, 17.—D. Olimpia Lamas Ascenção, D. Mariana Mendes Vasco Mascarenhas, D. Djalric dos Przerere Cabrinha, D. Maria Amélia Reis, D. Joaqui Maria Braz, D. Lucinda Tavares Moreira, D. Maria Antónia de Jesus, D. Isabel do Carmo Russo, D. Leontina Mirono Lopes, Joaquim Antonio Teixeira, Julião José de Brito, João Manuel Viegas, Jacinto Vieira Ferraz, Manuel Joaquim Moreira e Alfredo José Fernandes

FARMACIAS

Estão amanhã de serviço as seguintes farmacias:

Higiene, (Rua Ivens 22); Paula, (Rua Direita); Associação, (Rua de Santo Antonio).

ESTUDANTES

Recebem-se por preços modicos, boa comida, quartos e rigorosa vigilancia nos seus estudos e comportamento. Dirigir á Rua Castilho n.º 9, 1.º FARO.

EXPLICADORES

Joaquim Neves, com longa pratica de linguas, e Raul Calazans, com o 7.º ano de ciencias, explicam por preços razoaveis todas as disciplinas do curso geral dos liceus. Largo do Liceu—FARO



S. R.

ESCOLA INDUSTRIAL "PEDRO NUNES" EM FARO

Carlos Augusto Lyster Franco, professor efetivo e diretor da Escola Industrial «Pedro Nunes», em Faro

Faço saber:

Que o prazo de admissão á matricula nos cursos de desenho industrial e profissional começa em 15 de Setembro e termina em 31 de Outubro.

Que para a admissão á primeira matricula em qualquer curso ou disciplina, como aluno ordinario ou voluntario, é indispensavel aprovação no exame de instrução primaria ou no exame de admissão á Escola, devendo os candidatos apresentar as respectivas certidões.

Que os exames de admissão á Escola terão logar com a antecedencia precisa para que os concorrentes possam efetuar as suas matriculas.

Que no ato da matricula todos os alunos voluntarios depositarão a quantia de 50 centavos e os ordinarios a de 20 centavos.

Que a matricula no 2.º ano do curso profissional só poderá efetuar-se para os alunos ou alunas com mais de 12 anos e menos de 20 de idade.

Na secretaria da Escola prestam-se todos os esclarecimentos, das 10 ás 14 horas, nos dias uteis do prazo acima indicado.

Escola Industrial «Pedro Nunes» — Faro 10 de Setembro de 1913.

O DIRETOR,
CARLOS AUGUSTO LYSYTER FRANCO;

FABRICA INDUSTRIAL 1.º DE MAIO

SERRALHARIA MECANICA E CIVIL
FUNDIÇÃO DE FERRO E BRONZE

DE

MANOEL CARVALHO

RUA INFANTE D. HENRIQUE, 186

FARO

Construção de poços Artesianos—Vendem-se materias para os mesmos

Esta casa, que é no genero a primeira da provincia do Algarve, encarrega-se de todos os trabalhos mecanicos e civis.

Constroem-se engenhos de noras de todas as qualidades, com a maior ligeireza, solidez e perfeição.

Fazem-se charruas de todos os tamanhos, maquinas de debulhar milho, colunas, tubaria e todos os utensilios agricolas.

Ninguem deixe de comprar nesta casa, visto que em parte alguma do paiz se fabricam e vendem estes generos em melhores condições.

PREÇOS SEM COMPETENCIA

Ninguem compre sem primeiro visitar esta importante fabrica

ELIAS D'A. SABATH

—COM—

Estabelecimento de drogas, ferragens, tintas, vidraça e outros artigos a PREÇOS EXTREMAMENTE CONVATIVOS

como o proprio freguez poderá verificar.

Ninguem compre sem primeiro visitar este estabelecimento.

RUA D. FRANCISCO GOMES, 18 a 22

PORTAS ENCARNADAS

JOÃO PEDRO DE SOUSA

ADVOGADO

ESCRITORIOS

Rua de Santo Antonio, 6

Largo 1.º de Dezembro, 27

Morada—R. do Pé da Cruz, 16

FARO

AJUDANTE DE FARMACIA

Precisa-se com boa pratica e boas referencias.

Dá-se bom ordenado mas exige-se estabilidade.

Farmacia Higiene—Faro.

ESTUDANTES

Recebem-se, bom tratamento, casa higienica, perto do liceu.

Para tratar na Rua Rasquinho, n.º 21.—FARO

